

EDGAR MORIN

Maria da Conceição de Almeida  
Edgard de Assis Carvalho  
(Orgs.)

Educação e complexidade:  
**OS SETE  
SABERES**  
e outros ensaios

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Morin, Edgar, 1921-  
Educação e complexidade : os sete saberes e outros ensaios /  
Edgar Morin ; Maria da Conceição de Almeida, Edgard de Assis  
Carvalho, (orgs.). - São Paulo : Cortez, 2002.

ISBN 85-249-0884-X

1. Educação - Filosofia 2. Educação - Finalidades e objetivos  
3. Morin, Edgar, 1921- - Crítica e interpretação I. Almeida, Maria  
da Conceição de. II. Carvalho, Edgard de Assis. III. Título.

02-4384

CDD-370.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação : Filosofia 370.1

CORTEZ  
EDITORA

3

A propósito dos sete saberes

Entro agora no domínio dos sete saberes. Trata-se do resultado, embora não seja o último, de uma trilogia pedagógica iniciada pela experiência sobre a reforma dos conteúdos do ensino secundário, que me levou a refletir para além deles. Como supunha, minhas idéias não produziram nenhum resultado concreto (eu bem que duvidava disso) mas, no transcorrer desta experiência, organizei uma dezena de jornadas temáticas, cada uma delas centrada sobre um grande tema que permitia religar as disciplinas.<sup>1</sup> O tema da primeira foi o Universo, e isso porque o universo permite religar as diferentes disciplinas da Física no seio de diferentes concepções do mundo, ou cosmologias, que elas mesmas fazem colaborar com as disciplinas separadas. A Terra foi o tema da segunda jornada. Vida, Humanidade, Literatura foram os temas seguintes. Tratava-se de mostrar que

---

1. Edgar Morin. Jornadas Temáticas (1998, Paris, França). A religação dos saberes: o desafio do século XXI. Tradução e notas de Flávia Nascimento. Rio, Bertrand Brasil, 2001, 588 p. (N.T.)

era possível enquadrar as disciplinas, e de religá-las, com as noções que dizem respeito a cada um de nós (Quem somos? Quem somos nós, humanos? O que é o mundo? Nosso planeta? etc.) e também de religá-las. A aventura do cosmo talvez tenha tido seu início após o *big-bang*, um momento explosivo a partir do qual formaram-se as primeiras partículas, seguido da formação dos núcleos dos átomos no seio das estrelas, o planeta Terra, as moléculas. Nosso aparecimento relaciona-se a tudo isso. Estamos na vanguarda desta aventura mas, ao mesmo tempo, damos continuidade a esta aventura cósmica prodigiosa que começou há quinze bilhões de anos.

Num primeiro momento, a Unesco me pediu um texto que tivesse um caráter ecumênico, não centrado na França, uma reflexão geral sobre os problemas da educação para o século. Cheguei à conclusão de que existem sete buracos negros, no sistema de educação francês, não apenas no segundo grau ou na universidade, mas em todos os sistemas de educação conhecidos.

## 1. O conhecimento

Por incrível que pareça, o primeiro deles é o do conhecimento. Mesmo que o ensino consista em ensinar conhecimentos, não nos é dito jamais o que significa a palavra “conhecimento”. O tema é estudado em Filosofia e Epistemologia por uma elite restrita, embora o problema interesse a todos, de crianças a cidadãos no sentido amplo. Nunca se tenta dizer o que é o conhecimento. Qual a importância disso? Quando olhamos para os séculos passados, dizemos:

“que série de erros e ilusões”. O que as pessoas acreditavam ser conhecimentos verdadeiros e certos eram apenas ilusões. O que hoje nos parecem ser conhecimentos verdadeiros e certos, não são também ilusões? Quantos conhecimentos verdadeiros e certos sobre a União Soviética não se desintegraram? No decorrer do século XX, não ocorreu o mesmo com tantos outros acontecimentos?

O problema crucial do conhecimento reside no erro e na ilusão? Por que os dois problemas encontram-se ligados? Graças aos trabalhos das neurociências, sabemos cada vez mais que um conhecimento, uma percepção não é uma fotografia do mundo exterior. Uma percepção visual é o fruto da transformação de fótons, de estímulos luminosos sobre miríades de células que se encontram em nossa retina. Estes estímulos são codificados de modo binário e atravessam o nervo ótico, sofrem diferentes transformações em nosso cérebro para nos fornecer uma representação, uma percepção. Evidentemente, não somos conscientes disso. Isto significa que o conhecimento é uma tradução seguida de uma reconstrução. Hoje podemos apenas traduzir uma parte dos raios luminosos, e isso porque o infravermelho e o ultravioleta não são acessíveis aos nossos olhos, do mesmo modo que não conseguimos ouvir infra-sons e ultra-sons. Um outro exemplo: em virtude do princípio da constância cognitiva, pessoas que se encontram sentadas nas últimas filas são minúsculas na minha retina, enquanto as das primeiras são bastante grandes. Não as vejo como pessoas pequenas porque minha constância perceptiva restabelece a mesma dimensão para todos. Dito de outro modo, há um trabalho que se efetiva. Além disso, nossa percepção comporta frequentemente uma parte alucinatória na qual reconstituímos

objetos e seres que percebemos. Quando lemos um texto impresso, na realidade nosso olho não varre todas as letras do texto, mas salta de um pacote de letras a outro, podendo até mesmo enganar-se. Para dar um exemplo bastante trivial de alucinação, recentemente, eu andava pela rua e senti vontade de urinar. Subitamente, vi uma gigantesca tabuleta na qual estava escrito “banheiro”. Fiquei então tomado pela emoção, mas quando me aproximei dela li “luminária”.<sup>2</sup> O que ocorreu foi que eu projetei minha necessidade sobre minha percepção até transformá-la.

A percepção é uma tradução, mas as próprias palavras são, igualmente, traduções de traduções e de reconstruções, discursos, teorias do mesmo. Podemos chamar “idealista” essa tendência que possuímos de tomar as idéias pela realidade, mesmo que a filosofia sempre nos recomende prestar atenção na idéia de que não se trata apenas de um mediador, mas também de um filtro para a realidade.

O problema do conhecimento é muito importante e é necessário ensinar que todo conhecimento é tradução e reconstrução. Além disso, um conhecimento é marcado pelo que pode ser chamado “imprinting” cultural. Desde o nascimento, as crianças sofrem esse “imprinting”, através das injunções e proibições dos pais. Por intermédio da linguagem, a escola ensina uma certa quantidade de conhecimentos, isso explica que um certo número de idéias pareça evidente. As idéias rejeitadas são consideradas como tolas, estúpidas ou perigosas. Nas sociedades autoritárias, religiosas, o desviante é liquidado fisicamente. Giordano Bruno foi queimado no Campo de Fiore, em Roma. Apesar de uma

2. “urinoir” e “luminaire” no original. (N.T.)

certa pluralidade em nossos países, a normalização sempre se encontra presente. Embora os desviantes não sejam mais eliminados fisicamente, não se fala mais deles. Esse “imprinting” sobre o conhecimento, que nos impõe uma visão de mundo, é puramente cultural, e isto quer dizer que ele não seja fundado sobre uma experiência verdadeira.

Possuímos também o que se convencionou denominar de paradigmas. Esta noção é empregada nos sentidos os mais diversos. Emprego-a num sentido intermediário encontrado na lingüística estrutural de Jakobson. Para ele, o nível do paradigma é aquele no qual se escolhe as palavras e o nível do sintagma é o nível da série falada, do discurso. O sentido em que emprego a palavra paradigma é o nível que determina a escolha da visão de mundo em função de um princípio lógico que une conceitos fundamentais. Por exemplo, se tomamos a idéia do humano e do natural, pode-se afirmar que há um paradigma que concebe a relação entre o humano e o natural pela redução de um ao outro. Os sociobiologistas ensinaram-nos que os genes determinam tudo: o altruísmo é geneticamente determinado, nossos comportamentos se assemelham aos dos macacos. Eles suprimem a parte humana que, no mínimo, possui grande interesse. Há, portanto, um paradigma da disjunção que, no lugar de fazer a redução do humano ao natural, afirma que tudo o que é humano só é compreendido pela eliminação do que é biológico. Este é o paradigma ainda reinante em nossa antropologia cultural. Eliminar o homem biológico em favor do homem cultural é uma visão igualmente mutilada. O paradigma da conjunção é mais completo pois reúne os dois, mostrando que há um circuito ininterrupto entre o que existe de natural em nós — nossos batimentos cardíacos, o sangue circulante que nos permite viver e pensar — e nós

mesmos, que cuidamos de nosso corpo biológico para continuar a viver e pensar. Temos, assim, um certo número de princípios que se impõem ao pensamento. No pensamento ocidental, pode-se afirmar que há um grande paradigma que operou a disjunção entre o mundo da ciência, que se consagra aos fenômenos materiais, e o mundo do espírito que se consagra à liberdade e não obedece ao determinismo. Essa disjunção provocou a grande separação entre a cultura científica e o mundo da cultura das humanidades. Faz-se necessário, então, mostrar todos os pressupostos que regem o conhecimento.

Há um fenômeno que se pode denominar possessão pelas idéias. Podemos identificá-lo fisicamente em cultos como o vodu, por exemplo. Apelando aos fiéis, as quase-divindades chegam, baixam nos fiéis; uma dentre elas irá possuir uma ou outra pessoa, falando bruscamente por sua boca, modificando sua voz e sua intenção. Dito de outro modo, o fenômeno da possessão pelos deuses verifica-se concretamente nessas cerimônias. Mesmo em nossas religiões, nas quais esses fenômenos inexistem, é evidente que acreditamos na existência de nosso Deus, de nossos deuses ou de nossos Santos. Imploramos, demandando-lhes serviços e, em contrapartida, os adoramos e os cultuamos. Do mesmo modo, somos possuídos pelas idéias que acreditamos possuir. As idéias não são apenas instrumentos que servem para o conhecimento do mundo real. Num dado momento, elas nos possuem, porque somos convencidos e ficamos prestes a morrer ou matar por elas, o que se verifica com freqüência. Contrariamente a uma frase célebre de Lenin que dizia: “Os fatos são obstinados”, penso que as idéias o são ainda mais, podendo mesmo ter razão sobre os fatos e ocultá-los integralmente.

Há um risco permanente de erros e ilusões. Ensinar àqueles que irão se defrontar com o mundo onde tudo passa pelo conhecimento, pela informação veiculada em jornais, livros, manuais escolares, Internet é algo de fundamental importância. É necessário também ensinar que o conhecimento comporta sempre riscos de erros e ilusões, e tentar mostrar quais são suas raízes e causas. Aqui reside o primeiro buraco negro, o primeiro pilar do que deveria ser uma educação que respondesse às nossas aspirações, não apenas de homens e mulheres do terceiro milênio, mas de seres humanos dos quais temos particularmente necessidade nesse início de milênio.

## 2. O Conhecimento pertinente

O segundo buraco negro é o do conhecimento pertinente. Um conhecimento não é pertinente porque contém uma grande quantidade de informações. Ao contrário disso, nos damos conta que, freqüentemente, somos submergidos pela quantidade de informações transmitidas pela televisão. As informações sobre o amanhã anulam as de hoje. Além disso, o verdadeiro problema não é o da informação quantitativa, mas o da organização da informação. O conhecimento implica nisso. O poeta Eliot afirmava: “Qual é o conhecimento que perdemos na informação?” Como organizá-la? Não apenas pela sofisticação matemática. A economia é hoje uma ciência humana bastante sofisticada matematicamente, tendo inclusive vários prêmios Nobel. Esta ciência tem um poder muito fraco de previsão, pois os fenômenos econômicos não são compartimentos

fechados. Encontram-se ligados a fenômenos políticos, sociais e outros. Na própria Economia, existem fenômenos de massa, loucura, pânico, que mudam bruscamente as cotações da bolsa. Esta ciência que se fundamenta em índices, que reduz tudo ao cálculo, isola-se do resto do mundo social. O amor, o desgosto, a dor, a alegria não são nunca quantificáveis. A economia não conhece o humano do humano. Esta é a razão pela qual, num dado momento, o Fundo Monetário Internacional impôs diretrizes a países como o Marrocos, Tunísia, dentre outros, exigindo que se alinhassem à cotação mundial do trigo, ingrediente fundamental para o cuscus. Daí os protestos que ocorreram nesses países. Em outras palavras, o conhecimento pertinente não é fundado numa sofisticação, mas numa atitude que consiste em contextualizar o saber. Trata-se de uma aquisição da Psicologia cognitiva. Quando traduzimos uma língua estrangeira, deparamo-nos com palavras polissêmicas que sabemos identificar muito bem no dicionário. Elas possuem múltiplos sentidos, embora ignoremos o sentido exato que assumem na frase. Tentamos, então, adivinhar o sentido da frase para encontrar o sentido no qual a palavra é empregada. Em contrapartida, se possuímos o sentido preciso para uma ou outra palavra, tentamos inferir o sentido da frase. A palavra tem por contexto a frase e a frase tem por contexto o discurso, o texto. É a contextualização que sempre torna possível o conhecimento pertinente. Isto é verdade para todos os níveis da história. Para entender o caso do Kosovo, por exemplo, é preciso contextualizar a crise da ex-Iugoslávia, a crise do comunismo, ou ir ainda mais além, a situação dos Balcãs na história passada. O conhecimento pertinente tenta situar as informações num contexto global e, se possível, num contexto geográfico,

histórico. Um outro exemplo: graças à ciência ecológica, nos demos conta de que a biosfera é um contexto para a aventura humana industrial e técnica. Tê-lo ignorado conduziu-nos à degradação da biosfera, algo extremamente perigoso para todos nós. O ensino realizado por meio de disciplinas fechadas nelas mesmas atrofia a atitude natural do espírito para situar e contextualizar.

Temos, portanto, a necessidade de ensinar a pertinência, ou seja, um conhecimento simultaneamente analítico e sintético das partes religadas ao todo e do todo religado às partes. Poder-se-ia supor que Pascal conhecesse as diferentes aquisições da microfísica, cosmologia e cibernética, quando reiterou a impossibilidade de se conhecer o todo sem as partes e vice-versa. Evidentemente, não se poderá conhecer a totalidade do universo, nem mesmo suas partes em detalhe, embora seja essa a tendência do conhecimento. Além disso, podemos apreender totalidades relativamente restritas, a começar pela realidade do nosso próprio planeta, levando cada vez mais em conta que nele há, cada vez mais, problemas transversais que recobrem as diferentes disciplinas e que não podem ser tratados separadamente por uma disciplina ou mesmo por um país. A relação entre o todo e as partes é extremamente importante. Já demos exemplo disso com o caso do Kosovo, um acontecimento singular que diz respeito à Sérvia e à população albanesa kosovar. Embora tenha ocorrido numa parte do globo, acabou por determinar uma mobilização de grande parte da totalidade a partir da intervenção da OTAN. Esta intervenção vai modificar a situação do Kosovo, embora a própria intervenção tenha sido provocada por essa situação. Este circuito de retroação entre as partes e o todo não é ensinado.

### 3. A Condição humana

O terceiro buraco negro me deixa estupefato. Em nenhum lugar é ensinado o que é a condição humana, ou seja, nossa identidade de ser humano. Pode haver coisas parciais sobre aspectos fragmentários do humano, mas tudo se encontra desintegrado. Na universidade, identifica-se o homem biológico mediante o estudo do cérebro; o espírito é analisado pela psicologia, a cultura, as ciências das religiões formam o objeto da sociologia. Tudo isso encontra-se inteiramente separado, disjunto e desintegrado. O problema central “Quem somos nós?” encontra-se inteiramente ausente. Como podemos tratá-lo? Temos os elementos para fazer isso particularmente desde os anos sessenta, e isso porque desde essa época a cosmologia constituiu-se como conhecimento de um universo que tem uma aventura, uma história gigantesca. Somos apenas um minúsculo planeta de uma galáxia periférica, a via láctea, nossa terra. Graças à cosmologia, podemos nos situar no cosmo. As ciências da terra tentaram entender como, num dado momento, sobre esta mesma terra, submetida à convulsões, irrupções vulcânicas, formaram-se macromoléculas que criaram as primeiras unidades vivas. A teoria da evolução é um dos aspectos da Biologia que não pode ser verificável com nossos olhos, embora tenhamos multiplicado os indicadores que permitem contar essa história. Torna-se cada vez mais interessante poder supor que, a partir de seres unicelulares, houve a reunião de seres policelulares; alguns deles deram origem aos vegetais, outros aos animais. Esta aventura propiciou a ramificação dos vertebrados que deu origem aos mamíferos que, por sua vez, produziram uma pequena ramificação que deu origem aos antropóides até à hominização. É desse modo que po-

demos nos situar no universo e na vida. Pode-se mesmo dizer que os progressos experimentados pela pré-história nos anos sessenta permitiram entender como saímos da natureza, como o processo simultâneo da bipedização, da cerebralização e da utilização das mãos desenvolveram-se. Podemos construir hipóteses não apenas sobre o fato de que a linguagem humana talvez tenha aparecido na época do *homo erectus*, mas, igualmente, como a cultura debutou com a linguagem, ou seja, como um processo natural ultrapassou a si mesmo enquanto processo cultural. Apesar disso, natureza e cultura permaneceram inseparáveis até o aparecimento do *homo sapiens*.

Infelizmente, as ciências humanas separam-se umas das outras. “Quem somos nós?”. Temos uma natureza biológica, uma natureza social, uma natureza individual. A Sociologia mostra o destino social do ser humano, a Psicologia mostra seu destino individual, a História seu destino histórico, a Economia seu destino econômico que se desenvolve nos tempos modernos do ser humano. Tudo isso se encontra separado. Não somos um espelho do universo, mas em nossa singularidade — porque ultrapassamos a natureza — todo o universo encontra-se contido em nós. Justamente o que desenvolvemos como algo estranho, exterior à natureza, permite que conheçamos um pouco este universo.

Eis aqui outro problema muito interessante do conhecimento: para conhecer é necessário que haja alguma distância, ao mesmo tempo em que um pertencimento comum. Não poderíamos conhecer um universo que fosse constituído de componentes muito diferentes do nosso. Não podemos conhecer coisas, a não ser que sejam de nosso universo, embora devamos sempre estabelecer a devida distância.

O auto-conhecimento de si pode começar quando a reflexão nos objetiva em relação a nós mesmos. O imediato em si não permite o ato de conhecer e isso porque uma certa distância sempre se faz necessária. Foi a nossa cultura que nos forneceu a distância que tornou possível o conhecimento do universo. O matemático inglês Spencer Brown afirmava: “Suponhamos que o universo quisesse conhecer-se. Para isso, haveria necessidade de se puxar uma espécie de braço, de pedúnculo para fora dele mesmo, algo que tornasse possível o afastamento do próprio universo. Num dado momento, a extremidade deste braço, dotado de uma espécie de organismo cognitivo, de um cérebro, retornaria ao próprio universo para vê-lo. Com isso, ele teria sucesso em se conhecer, mas teria falhado porque tornar-se-ia estranho a si mesmo”. Em outras palavras, sempre se falha exatamente no que se tem sucesso. Nosso destino é um pouco assim. Encontramos neste universo e o conhecemos na medida em que somos estranhos a ele. O conhecimento da condição humana enquanto tal implica numa extraordinária unidade genética, anatômica e cerebral que permite a diversidade dos indivíduos, das personalidades, das psicologias e das culturas. A verdadeira complexidade humana só pode ser pensada na simultaneidade da unidade e da multiplicidade.

O conhecimento da condição humana não se resume às ciências, contrariamente ao que se diz. A literatura e a poesia desempenham um grande papel nesse conhecimento. Qual a superioridade do romance sobre as ciências sociais? O romance, no sentido dos grandes romances do século XIX dá vida a indivíduos, a sujeitos. Por vezes mesmo, o romancista penetra no interior de sua própria mente e conta seus pensamentos. Faulkner entra no monólogo interior de

seus personagens que vivem num mundo preciso, num contexto com seus hábitos, suas classes sociais, sua situação, seu ciúme, seu ser, seu amor, sua mágoa. O romance fala da condição humana, daquilo que as ciências sociais não conseguem enxergar; fala de nossas vidas, paixões, emoções, sofrimentos, alegrias, das relações com o outro e com a História. Foi isso que Balzac, Tolstói, Proust fizeram. Dostoiévski fez o mesmo com seus personagens que vivem em planos separados, mesmo sendo os mesmos. A literatura desempenha um papel fundamental e é necessário não se satisfazer apenas com as ciências. Quanto à poesia, ela não é apenas uma iniciação a uma qualidade própria das obras poéticas, que nos põem em contato com fantásticos estados de maravilhamento. Ela é uma iniciação à qualidade poética da vida. Uma coisa ainda não foi dita; a vida é uma alternância e, por vezes, uma mistura de prosa e poesia. O que é a prosa? São as coisas mecânicas, cronométricas que nos obrigamos a fazer para ganhar a vida. O que é a poesia? Momentos de intensidade, comunhão, amor, alegria e prazer que podemos experimentar também nas festas, jogos de futebol. Hölderlin afirmava com muita propriedade: “O homem habita poeticamente a terra”. Seria necessário acrescentar a essa afirmação: Poética e prosaicamente. À prosa nos ajuda a sobreviver, mas a poesia é a própria vida.

O ser humano sempre foi concebido de modo mutilado. Diz-se *homo sapiens*, dotado de razão, mas o homem é também delirante. Castoriadis adorava dizer que o homem é este animal louco, cuja loucura criou a razão. *Homo é sapiens e demens*. Vê-se nessas duas polaridades que não há fronteiras nítidas entre o delírio e a razão. Frequentemente, no limite da loucura existe a genialidade como em

Nietzsche. O homem não é apenas *faber*, fabricante de instrumentos. É também um ser lúdico, *homo ludens*, como escreveu o pensador holandês Huizinga. O jogo não se resume ao jogo das crianças. Amamos também o futebol, os jogos de azar, os jogos de courses, a lotto. O sentimento lúdico nos acompanha em toda nossa vida e aqueles que não o possuem têm uma vida inacreditavelmente triste. O homem não é apenas *homo economicus*, mas também *homo mythologicus*. Vivemos de mitologia, sonhos, imaginário. Essa é a concepção complexa do ser humano. Esse é naturalmente meu ponto de vista, mas o que acredito que esteja aquém e além dele é a necessidade de inscrever a possibilidade do estudo da condição humana na religação dos conhecimentos e das disciplinas.

#### 4. A Compreensão humana

O quarto ponto diz respeito à compreensão humana. Em nenhum lugar é ensinado a compreendermos uns aos outros.

Inicialmente é conveniente distinguir explicação de compreensão. A explicação entende o ser humano como objeto que pode ser conhecido através de meios objetivos: fulano mede 1,73 m, pesa 74 kg, tem um nariz assim, a pele amarelada, nuanças que podem ser obtidas por indicadores morfológicos identitários. Pode-se, assim, reunir uma série de traços objetivos. A compreensão é outra coisa. Ela visa entender o ser humano não apenas como objeto, mas também como sujeito. Nós o conhecemos enquanto sujeito através de um esforço de empatia ou de projeção. Por exemplo,

quando alguém chora, compreendemos que ele pode estar sofrendo. Não iremos perguntar o que se passa com ele examinando o grau de salinidade de suas lágrimas. Compreendemos a tristeza de uma criança que chora porque nós mesmos fomos crianças que chorávamos. De modo semelhante, compreendemos o que ocorre no Kosovo ou na Chechênia, mas se formos indiferentes não compreenderemos nada.

Sofremos de uma carência de compreensão. Certamente é muito difícil compreender pessoas de culturas diferentes da nossa, embora alguns manuais possam nos auxiliar. É surpreendente que familiares, vizinhos, parentes, casais, pais e filhos não se compreendam entre si. Tem-se a impressão que a incompreensão se desenvolve com nosso individualismo, em vez dele nos ajudar a compreender a nós mesmos, como se o individualismo desenvolvesse uma espécie de auto-justificação egocêntrica permanente. Daí decorre a tendência a sempre relançar a falta sobre o outro. Observamos isso muito bem nas querelas entre gêmeos durante o recreio, ou nas cenas domésticas de casais. Cada um retém apenas a palavra ofensiva pronunciada pelo outro e esquece a sua, como se ela fosse apenas uma resposta à agressão do outro.

Possuímos processos de auto-justificação e de cóleras que nos permitem expulsar do outro e, ao mesmo tempo, eliminar em nós mesmos qualquer lucidez. Os ingleses denominam esse processo de “self-deception”, ou seja, incessantemente mentimos para nós mesmos para fazer bonito, para nos agradarmos, eliminando o que é desagradável. Por isso mesmo, reduzimos o outro a suas características negativas. Cito frequentemente uma frase de Hegel, mesmo que muitos o considerem um filósofo sistemático abstrato, embora possuísse

um sentido extraordinário do concreto. “Aquele que trata como um mero criminoso alguém que cometeu um crime reduz todo o resto de sua personalidade, tudo o que ele poderia ter feito a esse único crime”. Hegel nos convida a ver o conjunto de uma personalidade e não apenas o ato negativo que um indivíduo possa ter cometido. Esta tendência a reduzir o outro ao que ele tem de pior é muito desenvolvida.

Além disso, há a indiferença. Não se olha, não se presta atenção, permanece-se frio. A literatura e, de modo mais explícito, o cinema podem nos ajudar aqui. Por quê? Porque existe uma fascinação muito grande num espetáculo cinematográfico. Muitos observadores reiteraram que os espectadores na sala escura encontram-se numa espécie de semi-hipnose e alienação. Esquecem-se deles mesmos, projetam-se nas histórias e nos heróis que aparecem, vivem, amam e sofrem na tela. Esquecemos a parte mais importante de tudo isso. Quando estamos no cinema, acordamos para a compreensão do outro e de nós mesmos. O vagabundo abominável que não olhamos na rua, passa a ser amado quando o vemos sob o personagem de Charles Chaplin. Chora-se por ele, ama-se Chaplin, enquanto que, na rua, seríamos capazes de virar as costas para um indivíduo que cheira mal. Os gângsteres, os chefes mafiosos, os reis de Shakespeare, os Raskolnikov não são redutíveis a seus atos. É curioso que ao cinema, assim como ao romance, correspondam surtos de compreensão. O que torna verdade as palavras de Heráclito: “Eles dormem embora estejam acordados”. Quando se dorme no cinema, acorda-se para a realidade. Esse fato nunca foi considerado pelo cinema contemporâneo.

Para compreender o outro, é preciso compreender a si mesmo. A literatura nos fornece grandes lições sobre isto.

O auto-exame de Montaigne, por exemplo é um exercício mediante o qual ao compreender melhor a si mesmo, compreende-se melhor o outro. Montaigne foi o único em sua época a pensar que nas civilizações indígenas das Américas havia valores e não apenas superstições e erros. O auto-exame existe, assim como a introspecção, palavra hoje em dia bastante repudiada. Deve-se recomendar às pessoas que façam auto-análise. A psicanálise é, certamente, um bom método, mas é o psicanalista, depositário de um saber, quem vai permitir ao paciente descobrir finalmente seu segredo escondido.

Se é evidente que não se tem sempre necessidade do outro para se conhecer a si próprio, é impossível que isso seja feito isoladamente em compartimentos fechados. O exercício do auto-conhecimento é uma necessidade interna. O ensino da compreensão é crucial, se estivermos de acordo sobre a idéia de que o mundo encontra-se devastado pela incompreensão e que o progresso humano, por menor que seja, não pode ser imaginado sem o progresso da compreensão.

## 5. A incerteza

O quinto buraco negro é a incerteza. Aprender e enfrentar a incerteza. O que se ensina são as certezas. Ainda que as ciências tenham nos ensinado certas coisas como, por exemplo, que não se pode saber, ao mesmo tempo, a posição e a velocidade das partículas. Na termodinâmica, as relações de incerteza de Heisenberg nos ensinam que não se pode conhecer a posição de uma molécula ou de um gás. Permanece, porém, a idéia de que só as certezas devem ser ensinadas. No mundo mecanicista de hoje, o determi-

nismo foi abalado e a ciência moderna tem de negociar com o incerto.

Na termodinâmica, Prigogine detectou fenômenos de bifurcação no mundo físico. Num dado momento, encontram-se em jogo fatores de influências mútuas, sendo suficiente um fator infinitesimal para que um processo caminhe mais por um caminho do que pelo outro. A história humana sempre nos mostrou bifurcações históricas, principalmente em épocas de guerra, fenômeno que se tornou muito frequente na história da humanidade. No tempo das Guerras Médicas, Atenas poderia ter sido destruída em duas batalhas pelos persas. Não o foi e esse fato permitiu o nascimento da democracia e da Filosofia. Não faltam exemplos na História. Nos dias atuais, a história da vida e a complexidade das espécies não pode ser entendida de modo linear.

Sabemos da existência de três grandes extinções das espécies até o final do secundário. Com alta probabilidade de terem realmente acontecido, a última delas foi provocada pela queda de um aerólito em conjunção com uma grande irrupção que provocou o escurecimento do céu e acabou com a vegetação que servia de alimento aos dinossauros. Sua extinção favoreceu o desenvolvimento de pequenos mamíferos de rapina que são os nossos ancestrais. A História da vida e a própria história humana são pontuadas por cataclismos e fenômenos desse tipo. Acaba-se por esquecer que os grandes impérios da Antigüidade, que pareciam quase eternos, foram também destruídos, vítimas de catástrofes a começar pelo Império Romano, nos séculos I, II e III de nossa era. Além disso, há cataclismos civilizacionais como, por exemplo, a chegada de alguns espanhóis no México asteca, que provocou a destruição de um império

muito rico e poderoso. Naquela época o México era uma cidade muito mais importante do que Madrid, Londres ou Paris. Poderia citar também os Incas do Peru. Mais próximo a nós, durante a Segunda Guerra Mundial, a Alemanha desencadeou uma ofensiva em junho de 1941 contra a União Soviética. Penetrou facilmente na região, enclausurou os exércitos russos, destruiu a aviação e, com isso, chegou às portas de Moscou e do Cáucaso. A chegada de um inverno particularmente precoce e rigoroso imobilizou o exército alemão. Suas linhas telefônicas foram desligadas, os motores se enregelaram e os equipamentos que necessitavam de calor paralisaram. Neste momento, Stalin confiou num espião que lhe informou que os japoneses não atacariam a Sibéria. Com isso, ele enviou para Moscou novas tropas vindas do Extremo Oriente, desencadeando uma ofensiva soviética que afastou os exércitos alemães para além dos limites dos duzentos quilômetros, acabando por liberar Moscou que deveria ter caído como uma fruta madura. Por que Hitler retardou em um mês a ofensiva sobre a URSS, prevista para maio? Retardou porque houve em Belgrado um golpe de Estado contra o acordo que o regente Paulo havia concluído com a Alemanha hitlerista a fim de deixar passar por lá as tropas alemãs, que iriam para a Grécia prestar auxílio a Mussolini. Neste momento, a Sérvia denunciou o pacto, a aviação alemã bombardeou Belgrado e lançou uma ofensiva contra a resistência sérvia que durou um mês. Esses exemplos são mais do que suficientes para se reconhecer a necessidade de se ensinar os fundamentos da incerteza.

Além disso, a ecologia da ação é algo também importante. Uma ação não obedece nunca às intenções daqueles

que a fazem. Ela penetra no meio social e cultural, no qual muitos outros fatores estão em jogo. Essa ação pode ter seu sentido deturpado e, muitas vezes, revertido contra a intenção de seus proponentes. O grande historiador Georges Lefebvre\*, que foi meu professor nesta área, explicava que na época de Luís XVI, uma reação aristocrática pretendia reconquistar os privilégios perdidos da monarquia absoluta. Lançaram, então, a idéia dos Estados Gerais, porque quando eles eram convocados na França monarquista havia sempre uma maioria do clero e da nobreza. O que ocorreu foi uma reversão desse processo, quando o Terceiro Estado, mais numeroso, decidiu que as votações seriam por cabeça e não mais por ordem. Recusando-se a obedecer, o processo revolucionário avançou, provocando a perda dos privilégios que os nobres pretendiam salvar. Muito mais próximo de nós, esse mesmo fato voltou a ocorrer, quando o presidente da República dissolveu a Assembléia Nacional supondo que teria uma maioria consolidada. É evidente que sua intenção voltou-se inteiramente contra ele. Os exemplos poderiam ser mais numerosos, pois o aparecimento do inesperado merece ser enfatizado. Eurípedes nos disse isso pelo menos duas vezes: no final de *Alceste* e ao término das *Bacantes*, quando o Corifeu afirma: “Deus nos criou muitas surpresas pois o inesperado acontece e o que não é esperado chega”. Jamais se deu ouvidos a estas palavras, nem mesmo durante a época do determinismo. O inesperado irrompe cada vez mais quando perdemos o sentido do futuro. Os institutos encarregados de tendências prospectivas sempre falha-

\* G. Lefebvre (1874-1959), historiador francês, estudou a Revolução Francesa, analisando as estruturas sociais e fatos econômicos que caracterizavam a França rural (N.T.).

ram. O que se pode prever para o milênio? Nada, a não ser o incerto.

A aquisição da incerteza é uma das maiores conquistas da consciência, porque a aventura humana, desde seu começo, sempre foi desconhecida. As grandes civilizações tradicionais acreditavam num ciclo permanente de reconstituição, dado o caráter rotativo do tempo. Com o tempo do progresso, passou-se a pensar num tempo ascensional. O tempo rotativo teve apenas um tempo e o tempo ascensional desmoronou. Isto não quer dizer que não haverá progresso, mas que este progresso depende de inúmeras condições e, sem dúvida, de muita paciência e boa vontade. É preciso ensinar também que sabemos hoje que a aventura humana é desconhecida e que dispomos apenas de dois instrumentos para enfrentar o inesperado: o primeiro é a consciência do risco e da chance. Trata-se de assumir o desafio de Pascal nos domínios da cultura, da liberdade e da fraternidade. O segundo instrumento é a estratégia e isso implica ser capaz de modificar o comportamento em função das informações e dos conhecimentos novos que o desenvolvimento da ação nos propicia.

## 6. A era planetária

O sexto buraco negro no ensino concerne ao que se poderia chamar a era planetária, denominada por muitos de “tempos modernos”. Seu maior objetivo seria fazer com que tomássemos consciência do que se passou desde o fim do século XV, com a viagem de Cristóvão Colombo, a

*Circum Navigatio* de Vasco da Gama e, alguns anos mais tarde, com a idéia copernicana de que a Terra é apenas um planeta que não se situa no centro do mundo. Esta era planetária desenvolveu-se do pior modo com a colonização, a escravidão, a dominação do mundo pelo Ocidente. Marx afirmava que a história progrediu pelo pior lado. Este fenômeno acentuou-se no século XX com a grande crise provocada pelas duas guerras mundiais e, na segunda metade com as multiplicações das comunicações e a expansão do Mercado mundial sob a égide do neoliberalismo. É preciso compreender que a mundialização é apenas a etapa tecnoeconômica de um fenômeno que começou muito antes.

Se se começa a tomar cada vez mais consciência desta expansão tecnoeconômica que se espalha por todo o planeta, torna-se igualmente necessário compreender que vivemos numa era planetária constituída por uma comunidade de destinos sobre a Terra. Com a dispersão das armas nucleares um perigo de morte passou a pairar sobre a humanidade como um todo. As conseqüências desastrosas da degradação da biosfera representa uma segunda ameaça. Isto significa que vivemos numa comunidade de destino, sem falar nos problemas comuns que não são apenas econômicos, e que concernem à droga ou às pandemias como a Aids. Como participar simultaneamente da comunicação entre todas estas partes da humanidade sem chegar a uma homogeneização, ou seja, à destruição e nivelamento das culturas? Aqui reside o problema.

Houve dois fenômenos de mundialização, o primeiro por meio da dominação e do colonialismo e ainda hoje pela exploração econômica; o segundo se inicia ao mesmo

tempo que aquele, principalmente com Bartolomeu de las Casas. Este monge espanhol teve a coragem de dizer por ocasião da Controvérsia de Valladolid que os indígenas são seres humanos que possuem uma alma. Muitos padres pensavam que eles não eram seres humanos. Montaigne e o humanismo europeu, baseados na idéia de que todos os seres humanos têm o mesmo valor, qualquer que seja sua raça, defenderam também essa idéia da igualdade, que se estendeu pelo século XIX com a idéia dos Estados Unidos da Europa e dos Estados Unidos do mundo promovida por Victor Hugo. Hoje em dia a idéia de uma cidadania terrestre se manifesta por meio de várias organizações e associações como Médicos sem fronteiras, Greenpeace, Survival International que defendem pequenos povos hoje ameaçados de extermínio. Associações como Anistia Internacional e Aliança Solidária desempenham, igualmente, um grande papel. Há, portanto, a constituição de uma cidadania terrestre que não deve ser confundida com mundialização tecnoeconômica. Esta cidadania é a resposta mundial à mundialização. A pátria terrestre não deve negar ou recalcar as pátrias que a compõem mas, ao contrário disso, integrá-las.

É muito difícil compreender nossa época porque há sempre um atraso da consciência no diz respeito ao acontecimento vivido. O filósofo espanhol Ortega y Gasset dizia que não sabemos o que se passa e é exatamente isto que se passa. Não se compreende nada. Vivemos sem compreender o que vivemos. Hegel costumava dizer que a coruja de Minerva voava ao crepúsculo. A sabedoria, a razão são como a coruja de Minerva, costuma ser demasiado tarde quando a consciência nos chega. Como hoje todos os

processos se aceleraram, o pássaro de Minerva deveria ter uma velocidade supersônica para saber o que se passa. Há uma imbricação total dos fatores demográficos, econômicos, morais, mas se não podemos compreender o mundo, tentemos, pelo menos, não ter dele uma visão mutilada, abstrata, para não compreendê-lo como constituído unicamente por um instrumental técnico ou econômico, pois o problema reside em nos confrontarmos com nosso destino planetário.

## 7. A Antropoética

Enfim, o sétimo buraco negro refere-se à antropoética, ou seja à ética em escala humana. Certamente haverá outros, mas estes parecem-me essenciais. Somos seres humanos e também indivíduos; somos uma pequena parte da sociedade e também o fragmento de uma espécie. No seio de nossa espécie individual. A sociedade se apresenta com sua cultura, normas e leis na nossa própria espécie individual. A espécie encontra-se igualmente presente. Para que sua reprodução prossiga tem-se necessidade de dois indivíduos de sexo diferente. É evidente que a espécie não poderia existir sem indivíduos que se juntassem, do mesmo modo que a sociedade não existiria sem as interações entre eles. Existe, portanto, uma espécie de trindade inseparável. A ética antropológica exige que desenvolvamos simultaneamente nossas autonomias pessoais, nosso ser individual, nossa responsabilidade e nossa participação no gênero humano. Trata-se de três imperativos. Como tudo que é complexo,

são antagônicos e, ao mesmo tempo, complementares uns aos outros.

Tomemos os dois pontos indivíduo/sociedade e indivíduo/espécie. Para o primeiro, a ética nos conduz à idéia de democracia, ou seja, ao sistema no qual os controlados controlam seus controladores. Isso implica que, pelas eleições, os próprios cidadãos possam mudar seus controladores. A plenitude do cidadão supõe que ele seja uma pessoa responsável e solidária que possua direitos solidários. Se ele os despreza a democracia se enfraquece e se empobrece. Uma democracia que seja apenas formal não é viva. Nos dias atuais, as democracias não se encontram asseguradas no mundo, havendo mesmo grandes regressões que podem ser atribuídas ao reinado dos experts, à despossessão dos cidadãos dos problemas que se tornaram cada vez mais técnicos, e até mesmo à regeneração democrática, tema esse que, por si só, exigiria uma outra conferência.

O segundo ponto diz respeito à ética do gênero humano, ou seja, à perspectiva de civilizar a Terra. Trata-se de movimentos que têm por objetivo a cidadania terrestre. Ao pensar sobre isso, identifico uma causa gigantesca, mesmo que muitos dentre nós considerem que não há mais grandes causas como no passado. Na verdade, há poucas pessoas capazes de desencadeá-la e tomar consciência dela.

Se, em algum lugar, se tivesse a audácia e a coragem de começar a fazer uma reforma do ensino, fundada nesses núcleos de conhecimentos, talvez algumas esperanças pudessem existir. Creio que esta reforma requer um pensamento que religue, um pensamento complexo, pois não se

pode reformar o sistema de educação sem, previamente, ter reformado os espíritos e vice-versa. “Quem educará os educadores”?, a grande pergunta feita por Marx em *A Ideologia Alemã*, ainda se encontra sem resposta. Seria necessário que eles se educassem a si próprios, embora não tenham muita vontade de fazê-lo. Seria necessário, também, que identificassem as necessidades existentes na sociedade. Esperemos que as circunstâncias façam amadurecer estes problemas e que, talvez, assistamos a uma possibilidade de regeneração.